

LIVRO. QUEM FORAM OS FORNECEDORES DE SUA MAJESTADE ENTRE 1821 E 1910

MARCAS COM O SELO DO REI



O título de Fornecedor da Casa Real era honorífico. Os comerciantes apresentavam um requerimento para ser avaliado

Em Inglaterra é conhecido como *by appointment*. Em Portugal, chamavam-lhes Fornecedores da Casa Real. Um livro conta como marcas e comerciantes conseguiam este título elitista. Valia tudo – até meter cunhas. **Por Rita Roby Gonçalves**



ALFAIATE

Por ordem do rei D. Luís, J. Christian Keil teve alvará de "alfaiate honorário", em 1865

Quando Maria Ana Burnay chegou a Portugal na companhia do marido, o industrial Jean-Baptiste Remacle Burnay, após a segunda invasão francesa, trazia consigo uma longa lista de contactos da alta moda parisiense. Modista de alta-costura, em 1824 a senhora Burnay – avó do financeiro conde de Burnay – começou por confeccionar roupa para a infanta D. Maria da Assunção, filha do Rei D. João VI, e mais tarde para toda a aristocracia lisboeta. Vendia espartilhos, regalos de chinchila, ligas de molas, perfumes franceses e vestidos repletos de folhos e rendas.

A sua loja era a morada mais chique da capital e talvez por isso Maria Ana foi a primeira comerciante da cidade a adquirir o alvará de "modista da infanta", bem como a autorização para colocar à porta da sua casa as armas reais. Anos mais tarde, numa longa carta que escreveu à Casa Real, a se-

nhora Burnay contou como ao longo de 23 anos tinha servido a nobreza, as infantas e a Rainha D. Maria II. Pouco depois, foi promovida a "modista da rainha".

"O título de Fornecedor da Casa Real era honorífico. Os comerciantes apresentavam um requerimento à Casa Real, que estuda-

Ter o alvará de Fornecedor da Casa Real era tão importante como um título nobiliárquico

va os argumentos dos pretendentes. As primeiras concessões eram passadas com a profissão ou a designação da loja mais a frase - "da Casa Real ou de Sua Majestade", por exemplo, fulano de tal, "alfaiate de Sua Majestade". Só a partir da década de 50, do século XIX, passou a usar-se apenas a expressão Fornecedor da Casa Real, explica

Lourenço Correia de Matos, autor de um estudo inédito lançado em livro esta semana, intitulado *Os Fornecedores da Casa Real*.

Quase tão importante como ostentar um título nobiliárquico, na sociedade do século XIX o alvará de Fornecedor da Casa Real conferia aos comerciantes estatuto, prestígio e funcionava como o mais valioso instrumento de *marketing* de uma loja ou marca.

Nos primeiros tempos, a selecção era feita de forma criteriosa e apenas era agraciado quem de facto abastecia ou prestava serviços à Casa Real. Mais tarde, tornou-se mais acessível. O processo era simples e a burocracia mínima. No requerimento para concorrer ao título de Fornecedor da Casa Real, o comerciante tinha de justificar as suas pretensões. Domingos Binelli, fabricante de pão em Lisboa, escreveu no seu requerimento que fazia "►



INFANTA

Maria Ana Burnay foi a primeira comerciante a adquirir o alvará de **modista da infanta D. Maria da Assunção**



FOTOS: MUSEU DO PALAÇO DE QUEIXAROM

BOTAS

Um sapateiro enviou um par de botas ao Rei **D. Pedro V** para se candidatar a fornecedor da casa real



MODA

A loja Paris em Lisboa, que ainda hoje existe, no Chiado, era uma das **fornecedoras da casa real**



► pão fino ou de luxo” e que tinha fornecido pão para a Casa Real nos “dias de gala” e de grandes festas. Alguns enviavam um produto para o rei experimentar: em 1874, um sapateiro de Penafiel enviou ao Rei D. Luís um par de botas.

Depois de a situação ser analisada, o título era concedido através de um alvará assinado pelo monarca, sendo entregue um documento com texto, selo e com as armas reais. Era um documento de aspecto tão modesto que alguns comerciantes, especialmente estrangeiros, queixavam-se do seu aspecto em comparação com os alvarás de outras casas reais, recheados de desenhos e relevos.

NÃO ERA INVULGAR que comerciantes estrangeiros requeressem o estatuto de Fornecedor da Coroa Portuguesa. “Alguns colecionavam títulos concedidos por várias casas reais porque lhes dava estatuto”, diz Lourenço Correia de Matos. São os casos dos fabricantes de bengalas e chicotes Brigg & Sons, da Tiffany’s e da Cartier – que na fachada da sede na Rue de la Paix, em Paris, ainda hoje ostenta as armas da casa real portuguesa.

Numa carta enviada ao conde de Arnoso, secretário do Rei D. Carlos, os produtores de cigarros H. L. Savory & Co. (marca favorita do Rei Eduardo VII) pediram para serem fornecedores da coroa portuguesa com base num argumento simples: num almoço dado pelo *mayor* de Londres, em Guildhall, o Rei português tinha fumado cigarros H. L. Savory & Co.

No provincianismo de Lisboa e do Porto do século XIX, a vida comercial era vivida intensamente em redor de invejas e mes-

quinhez. O estatuto de Fornecedor da Casa Real de alguns provocava a ira e o ciúme dos vizinhos que não tinham sido agraciados com o título. Alguns comerciantes cujos requerimentos eram chumbados chegavam a ostentar alvarás falsos, mas uma brigada de fiscalizadores vistoriava os es-

Um fabricante de pão de Lisboa escreveu no requerimento que fazia “pão fino ou de luxo”

tabelecimentos comerciais para garantir a autenticidade dos Fornecedores da Casa Real. Um alvará falso implicava uma multa pesada.

O recurso à cunha para entrar neste clube era comum. Com os requerimentos en-

viados à secretaria da mordomia-mor seguiam muitas vezes cartas escritas por alguém com poder. A primeira cunha de que há registo data de 1850: é um pedido do barão de Reboredo intercedendo por um afilhado proprietário de uma fábrica de tecidos de seda.

O título de Fornecedor da Casa Real nasceu em Inglaterra no século XIII (como *by appointment*) e foi sendo copiado por monarquias em todo o mundo. O primeiro registo de um alvará deste tipo surgiu por ocasião do nascimento de Thomas Brotherton, futuro conde de Norfolk, filho de Eduardo I: Reginald of Thunderley, alfaiate de Londres, é mencionado como fornecedor do rei. Mais tarde, a Rainha Vitória obrigou os comerciantes com o título *by appointment* a jurarem-lhe lealdade sobre a Bíblia. Fundada no século XIX, a Royal Warrant Holders Association, uma combinação de associação comercial e clube social, junta hoje 850 sócios do *by appointment* em Inglaterra.

A pesquisa de Lourenço Correia de Matos indica que entre 1821 até ao fim da monarquia foram atribuídos 676 alvarás de Fornecedores da Casa Real portuguesa – a comerciantes, empresas e marcas. A maioria desapareceu – subsistem não mais do que uma dúzia, como a Livraria Ferrin, no Chiado, em Lisboa, a Jerónimo Martins, a Macieira, os champanhes Pommery, a Confeitaria Nacional e a ourivesaria Leitão & Irmão, que na sua loja do Chiado ainda tem exposto o alvará de joalheiro da coroa. ●

Quem serviu a coroa portuguesa

O LIVRO OS FORNECEDORES DA CASA REAL BASEIA-SE NUMA TESE DE Mestrado

BASEADO numa tese de mestrado de Lourenço Correia de Barros, apresentada em Maio passado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, revela as histórias por trás do *by appointment* em Portugal, desde 1821 até ao fim da monarquia.

